



# Do radiojornalismo esportivo aos podcasts: identificação e análise de produções narrativas<sup>1</sup>

From radio sport journalism  
to podcasts: identifying and  
analysing narrative  
Productions

## Daniel Gambaro

Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP. Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisador no Núcleo de Estudos de Rádio (NER-Fabico-UFRGS) e do MídiaSon - Grupo de Estudos e Produção em Mídia Sonora. E-mail: dqambaro@outlook.com

## Julio Pereira dos Santos Filho

Graduado em Publicidade pela Universidade Anhembi Morumbi. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica da mesma universidade. E-mail: juliiodossantos.19@outlook.com

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta resultados de pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Anhembi Morumbi, parte do projeto de pesquisa *Experiências midiáticas da produção sonora – do rádio ao podcast*, de responsabilidade do orientador, coautor neste trabalho.



## Resumo

Este estudo lista e classifica os formatos das produções indicadas como “Top Podcasts Esportes” nas plataformas *Deezer* e *Spotify* e analisa aquelas que se destacam pela roteirização, produção e pós-produção. O artigo traz uma revisão bibliográfica sobre a evolução da cobertura esportiva sonora, apontando fatores históricos que influenciam a predominância do formato “mesa-redonda”. Em seguida, apresenta uma análise descritiva de episódios selecionados de programas diversos, para exemplificar as articulações possíveis de elementos da linguagem sonora em formatos narrativos, menos comuns, e discutir possíveis motivos para tais produções se mostrarem escassas entre os podcasts esportivos.

**Palavras-chave:** Podcasts esportivos; Rádio; Esporte; Podcasts Narrativos; Podcasts populares.

## Abstract

This study lists and classifies the formats of productions listed as "Top Podcasts Sports" on Deezer and Spotify platforms, and analyses those that stand out regarding the scripting, production and post-production stages. A bibliography review is presented to draw the evolution of sports coverage on sound media, highlighting what in its history may have influenced the dominance of the “round table” format. Then, it presents a descriptive analysis of selected episode from distinct shows, to exemplify the possible articulations of sound language elements in less-common narrative formats, and to discuss possible reasons why such productions are so scarce among sports podcasts.

**Keywords:** Sports podcasts; Radio; Sports; Narrative Podcasts; Popular podcasts.

## Introdução

Os podcasts estão se configurando, a cada dia, como um relevante meio de comunicação. Seu processo de institucionalização, iniciado ainda no início do presente século, ganhou fôlego com a disseminação e uso de *smartphones*, momento chamado de segunda onda dos podcasts por alguns autores (VICENTE, 2018; BONINI, 2020). Os podcasts esportivos parecem acompanhar esse movimento e crescem, ano após ano, em número de ouvintes e de programas ofertados nos catálogos das principais plataformas de streaming (MAGRI, 2020), apesar de ainda não figurarem na lista “Top 5” de assuntos, conforme o mais recente Inside Radio da Kantar Ibope (KANTAR IBOPE MEDIA, 2021). A entrada mais agressiva de grandes grupos de comunicação, como o Grupo Globo, corrobora para um maior número de programas disponíveis aos ouvintes, como mostram dados divulgados pela própria empresa (“O SUCESSO...”, 2021). Entretanto, apesar da farta oferta de opções no nicho, são poucas as produções que fogem do formato “mesa-redonda”, muito comum em programas esportivos veiculados no rádio e na televisão (SOUZA; FORT; BOLFE, 2020).

Assim, a proposta deste estudo é ilustrar esse novo momento para a produção sonora voltada aos esportes, retratando, dentre produções que foram listadas como “top podcasts” das plataformas *Deezer* e *Spotify*, aquelas que se destacam no que se refere a etapas de roteirização, produção e pós-produção. Tenta, ainda, entender o motivo de produções de alta qualidade se mostrarem tão escassas no segmento de podcasts esportivos, expressando no percurso alguns fatores que podem influenciar a maioria das produções a seguirem o formato mesa-redonda.

O artigo está assim dividido: no capítulo 1, discutimos como o esporte ganhou espaço no rádio brasileiro. No capítulo 2, apresentamos brevemente os elementos da linguagem sonora que, quando adequadamente articulados, permitem a elaboração de produções mais sofisticadas que aquelas corriqueiramente encontradas no rádio. O capítulo 3 descreve analiticamente quatro exemplos de podcasts narrativos voltados ao esporte, expondo se utilizam e como utilizam os recursos sonoros

disponíveis. Nas considerações finais, apresentamos uma breve reflexão sobre o conjunto aqui estudado.

## O programa esportivo no rádio

O esporte esteve presente já no início do rádio nacional, na década de 1920, a partir da leitura de boletins tal qual a possível cobertura jornalística à época (TOTA, 1990), mas se consolida com as transmissões das primeiras jornadas esportivas. Em 19 de julho de 1931, Nicolau Tuma se tornou o primeiro locutor de rádio a comandar continuamente, durante os 90 minutos, a transmissão da partida de futebol disputada no Campo da Floresta, na capital paulista, entre as seleções do estado de São Paulo e do estado do Paraná. Por meio do microfone da Rádio Educadora Paulista, Tuma deu início à presença das transmissões esportivas no rádio (SOARES, 1994).

A relevância do futebol cresce num contexto em que a politização da mídia, empenhada por Getúlio Vargas, constrói os pilares da popularização do rádio. Ancorado no binômio “futebol e carnaval”, o meio ajuda a consagrar o projeto de Vargas de constituição de uma identidade nacional (ORTIZ, 1994). Na mesma época em que o rádio se consolida, a partir da liberação da publicidade em 1932, o futebol se profissionaliza e algumas estações como a Rádio Record, agora configuradas como negócio, passam a dedicar mais tempo à cobertura esportiva, em especial a de futebol (SOARES, 1994).

Desde então, possuem relevância inigualável as coberturas de eventos ao vivo: dos jogos dos campeonatos nacionais às disputas entre nações nas Copas do Mundo. Tal profissionalização na cobertura esportiva se exemplifica, conforme Edileuza Soares (1994), no estabelecimento de um departamento esportivo na Rádio Panamericana – à época a “Rádio dos Esportes” – em 1947, um ano antes do primeiro departamento de notícias de uma estação de rádio, criado por Heron Domingues para a Nacional do Rio de Janeiro.

Dos anos 1960 em diante, observa-se uma reconfiguração na forma como o futebol é abordado no rádio. Por um lado, a cobertura das principais partidas passa a contar com programação antes e depois dos jogos – jornalistas em campo, plantonistas esportivos, comentaristas e o apresentador envolvem os ouvintes como em um aquecimento para o jogo e, depois do certame, analisam os resultados da partida e da rodada – num conjunto conhecido como “jornada esportiva” (MADUREIRA; KISCHINHEVSKY, 2015). Segundo, conforme analisa Guimarães (2018) a respeito do comentário esportivo, nessa mesma época os comentaristas ganham destaque no rádio, inclusive em programas diários. Tais programas, normalmente noticiários conhecidos como “resenhas esportivas” (FERRARETTO, 2014), mesclam conteúdos diversos como reportagens, entrevistas, comentaristas e cronistas, perpassando diferentes pautas relacionadas ao *jornalismo esportivo*.

Ainda segundo Guimarães, é preciso notar que a cobertura esportiva se localiza a meio caminho entre o entretenimento e a informação: “a história do rádio esportivo foi conformando estes elementos que, grosso modo, parecem se opor: a informação *versus* a imaginação; o jornalístico *versus* o imaginário; o real *versus* o ficcional; a competição *versus* o lúdico; o fato *versus* o romance” (GUIMARÃES, 2018, p.48). No rádio dos anos 1970 institucionaliza-se uma forma de programação diária de cobertura de esportes, sobretudo o futebol, marcada pelo equilíbrio das funções jornalísticas e a descontração, com pouco espaço para programas mais elaborados, que exigem investigação, por exemplo (SOARES, 2014). Inicia-se, também, uma fase de “jornalismo esportivo”, em que a opinião dos comentaristas está mais baseada em dados e análise técnica (GUIMARÃES, 2018)

Enquanto as jornadas esportivas, com o passar das décadas, ganharam grandes equipes dedicadas e tiveram seus horários estendidos (MADUREIRA; KISCHINHEVSKY, 2015), as resenhas esportivas diárias se tornaram responsáveis por prolongar e permitir que emoções dos jogos de uma rodada continuem repercutindo. Rangel e Marconi (2016), entretanto, percebem uma mudança nas estruturas de produção a partir dos anos 1990: há uma sensível diminuição do número de ouvintes

durante as transmissões das partidas no rádio, fato que elas atribuem a um efeito mais duradouro causado pela predominância da televisão, inicialmente, e pelas mídias cibernéticas, depois, nas transmissões dos jogos. Explica-se em parte, aí, a uma diminuição de verbas publicitárias e subsequente falta de criatividade na linguagem utilizada no meio. Exemplo disso é que o consagrado formato mesa redonda está presente em praticamente todas as programações voltadas a esportes e não apresenta grandes inovações, salvo uma ou outra experiência que, mais do que ser uma aplicação especial da linguagem sonora, reflete a personalidade inventiva dos apresentadores (GAMBARO, 2019). Trata-se de um formato vantajoso do ponto de vista da programação, tanto no rádio quanto na TV, pois permite ocupar largos espaços de tempo com custo relativamente baixo (SOUZA, 2004).

É inegável que o cenário esportivo no rádio precisa passar por um período de reinvenção com o intuito de se manter viável economicamente. Como afirma Kischinhevsky (2016), o rádio se expande e distribui conteúdo por outros meios, tanto quanto novas formas que surgem emulam o rádio e o modificam. Em 22 de agosto de 2021, um acordo firmado entre a Jovem Pan e o Clube Athletico Paranaense, apoiado à nova Lei do Mandante<sup>2</sup>, permitiu que o jogo entre Atlético Paranaense x Corinthians fosse transmitido com imagens através do canal oficial da emissora no Youtube<sup>3</sup>. Mas seria isso o suficiente para uma renovação do interesse do torcedor pelas transmissões de rádio? O formato mesa redonda, mesmo com poucas inovações, ainda é um espaço capaz de agregar audiência? Ou será necessário pensar em outra forma de abordar o esporte no rádio?

Os *podcasts* esportivos surgem como uma alternativa que possibilita tanto grandes emissoras de rádio como produtores independentes criarem produções que se complementam ou expandem o rádio no dial, conforme identifica Matheus R. Orlando, uma vez que muitos trazem “pautas e discussões

---

<sup>2</sup> A Lei 14.205/2021 delega os direitos de transmissão de uma partida de futebol ao clube mandante da partida, favorecendo os acordos bilaterais entre os times e os veículos interessados.

<sup>3</sup> Veja matéria do MKT Esportivo: Jovem Pan fecha com Athletico e exibirá jogo com Corinthians no YouTube. Disponível em: <https://www.mktesportivo.com/2021/08/jovem-pan-fecha-com-athletico-e-exibira-jogo-com-corinthians-no-youtube/>. Acesso em 19/mar/2022

com olhares diferentes dos encontrados nas mídias convencionais” (ORLANDO, 2020, p.3). O autor vê refletidos nos podcasts consequências de um movimento anterior, presente em todo o jornalismo esportivo: aproximando-se de um formato industrial de produção, a cobertura esportiva caminha em direção à espetacularização da informação, em que predominam a piada, o humor e o debate leve.

Orlando julga que o público recorre aos podcasts para apreciar um “jornalismo esportivo mais sério”, o que pode ser uma verdade, já que a “podosfera” aceita uma variedade de formatos. Entretanto, como mostraremos em seguir, percebemos dois movimentos paralelos: de um lado, debates esportivos/mesas redondas estão presentes em grande número, tanto em veículos independentes como naqueles vinculados à mídia tradicional; de outro, ainda que timidamente, as possibilidades do podcast permitem a existência de programas voltados para o esporte, mas de formatos distintos.

## Elementos da linguagem sonora

Desde pelo menos os anos 1960, o rádio comercial se desenvolveu em direção a um tipo de programação dedicada à prestação de serviços e ao imediatismo das notícias cotidianas, afastando de si, aos poucos, programações que melhor articulam a variedade de recursos da linguagem sonora. Trata-se, sobretudo, de um movimento que acompanha tanto as dinâmicas sociais quanto questões comerciais, e que não estão restritas apenas a um país. David K. Dunaway (2017), documentarista estadunidense, aponta como fato crucial os jornalistas estarem profundamente engajados na construção de produções comerciais para o *broadcast*, afinal, ganham seu sustento através de pequenas peças de áudio que possuem o objetivo de prender a audiência e vender cada vez mais publicidade. Constatação semelhante é feita por Guy Starkey (2014) em relação ao rádio europeu, sobretudo o britânico, denotando que o fenômeno alcança até mesmo os locais onde o rádio público é “bastião de guarda” de uma produção sofisticada. Especificamente no Brasil, encontramos no trabalho de Nivaldo Ferraz (2016) a mesma crítica – agravada, segundo o autor, por uma atuação de

empresários que, sob a desculpa descabida da falta de recursos, preferiram investir na mesmice. Mais grave, segundo Ferraz, é constatar que tal condição é chancelada por parte dos pesquisadores que escrevem manuais de rádio brasileiros.

Em nossa jornada para elencar e, conseqüentemente, destacar os *podcasts* esportivos de maior sofisticação, no que tange a forma de construção de cada um, buscamos, através de escuta atenta, identificar *podcast* esportivos que explorem em profundidade os elementos da linguagem sonora. São aqueles podcasts que denominamos *narrativos*. Tal linguagem é, segundo Armand Balsebre, formada pelo

conjunto de formas sonoras e não-sonoras, representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação é determinada pelo conjunto de recursos técnico-expressivos da reprodução sonora, e pelo conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes. (BALSEBRE, 2007: 27)

Assim, cabe compreender como sofisticada a peça sonora que investe nos usos e combinações desses elementos a ponto de propiciar ao ouvinte uma experiência midiática profunda. Falando especificamente sobre dramaturgia, mas de modo que tal compreensão pode ser estendida a toda produção sonora narrativa, Tim Crook (1999) destaca ainda dois outros elementos: o uso pós-moderno dos sons captados no cotidiano; e a imaginação do ouvinte. Considerando-se a forma espetacular do futebol e sua presença quase como uma instituição em nosso cotidiano, essas duas dimensões são fundamentais. Elas complementam os elementos que David Dunaway identifica como a essência do documentário sonoro:

O rádio nos oferece quatro elementos: fatural, principalmente trechos de entrevistas, mas também outros materiais captados; continuidade, ou seja, a narração, que é a “cola” que sustenta todo o trabalho; som, tanto natural como efeitos sonoros pré-gravados; e música, que pode ser usada de inúmeras maneiras para explicar (com palavras), para mover (por meio das melodias), para enfatizar, criar o clima, ou mesmo ser usada como texto, com letras que carregam tempo e significado específicos (DUNAWAY, 2017, p.12).

Com o surgimento de novos produtores independentes e meios de divulgação, como os podcasts, que atuam como uma alternativa ao espaço cada vez mais restrito para esse formato nas grandes rádios, a produção sonora pode encontrar um novo espaço de circulação (FERRAZ; GAMBARO, 2020), um que essas produções mais sofisticadas tenham espaço. Isso quer dizer que os elementos não-verbais acima identificados não estão apenas presentes: eles assumem funções descritivas, narrativas, expressivas e/ou estéticas, conforme identificado pela pesquisadora Julia Lúcia O. Albano (Silva, 1996). É isso que pretendemos ilustrar com nossas observações.

## Os podcasts narrativos de futebol

A metodologia partiu de uma pesquisa exploratória realizada em março de 2021, que resultou em uma tabela com os 74 “*Top Podcasts*” esportivos nas plataformas Deezer e Spotify – as de maior penetração no Brasil. Sucedeu-se, então, uma lista final em que foram incluídos apenas os podcasts que atendessem aos seguintes requisitos:

- Ser um *podcast* genuinamente brasileiro;
- Ser um *podcast* que não trata exclusivamente de um clube/equipe esportiva específica;
- Constar na lista *Top Podcasts* esportivos na plataforma Deezer durante o mês de março de 2021;
- Constar na lista *Top Podcasts* esportivos na plataforma Spotify durante o mês de março de 2021.

Os podcasts foram classificados de acordo com o seu formato de construção, partindo de Silva e Santos (2020), mas propondo uma mais adequada para a nossa discussão.

**Mesacast:** podcasts que apresentam o formato de debate esportivo ou as populares mesas-redondas. Ferraretto (2014) define mesa-redonda como um formato comum ao jornalismo, em que as pessoas expressam suas opiniões sobre um determinado assunto, de forma livre.

**Jornalístico:** podcasts construídos com o caráter noticioso, relatando do âmbito esportivo; produções em que emissão de opinião, mesmo presente, não figura primeiro plano.

**Coluna/Opinião:** produções com publicações periódicas que se caracterizam por ser um canal utilizado por um jornalista ou figura pública para emissão de sua opinião própria sobre determinado assunto ou acontecimento no âmbito esportivo.

**Entrevista:** produções caracterizadas pela realização de entrevistas com convidados do meio esportivo.

**Narrativo:** episódios inteiramente roteirizados, ou seja, produções que apresentam uma história como centro dos episódios. Podem ou não conter inserção de trechos de entrevistas, material de arquivo, efeitos sonoros e trilha sonora específica.

Assim, foi possível quantificar esse universo da seguinte forma:

Tabela 1 - Quadro Resumo com os resultados:

CATEGORIA	Qtde	% em relação ao todo
MESACAST	61	82%
ENTREVISTA	5	7%
NARRATIVO	4	5%
COLUNA/COMENTÁRIO	3	4%
JORNALISTICO	1	1%
<b>Total Geral</b>	<b>74</b>	<b>100%</b>

Fonte: autoria própria.

Essas categorias são os formatos de podcasts esportivos disponíveis atualmente. O formato *mesacast* domina como formato escolhido pelos produtores de podcasts esportivos, se fazendo presente em 82% dos classificados nesse estudo, seguido pelo formato Entrevista (7%) e narrativo

(5%). Do formato narrativo, ao qual daremos mais atenção, foram identificadas apenas 4 produções: Entretempo (Corner), Futebol a Manivela (Rádio Globo), Futebol Bandido (Uol Esporte) e Vida de Atleta (Independente).

A exemplo da história da cobertura esportiva no rádio, é possível alegar que as mesas-redondas existem em maior quantidade também entre os podcasts porque resultam de uma necessária economia de recursos. Tal hipótese é, entretanto, refutada, pois 32 das 74 produções classificadas pertencem a grandes ou médios grupos de comunicação, entre eles Grupo Globo, ESPN e Central3 Podcasts. Assim, é possível que observemos nos podcasts a continuidade do que identificou Ferraz (2016) ao criticar a falta de produções jornalísticas sofisticadas no rádio em função: novas demandas sociais e, especialmente, de uma má vontade dos gestores das estações. Desta forma, a *mesa redonda* serve como referência ao produtor de podcast, e encontra viabilidade na memória do ouvinte na “podosfera” como *mesacast*.

Como tal formato já é bastante conhecido, nos interessa avaliar, neste trabalho, os formatos de produção que representam um diferencial no uso dos recursos de linguagem. Assim, como ilustração dessas potencialidades, analisamos episódios aleatórios das quatro produções listadas que apresentam formato narrativo.

#### *O futebol à Manivela*

O *podcast* Futebol à Manivela consiste em uma produção extraída da grade de programação da extinta Rádio Globo. Comandado por Mauricio Bastos, do primeiro até o seu último episódio, publicado em 2019, o programa rememorava e contava a história do futebol, com um certo ar de nostalgia, através de narrações de gols inesquecíveis, entrevistas e depoimentos memoráveis de alguns craques do passado – resgatando na memória do ouvinte a forma original do jornalismo

esportivo voltado ao futebol. Destaca-se que a produção continuava listada entre os “top podcast” mesmo mais de um ano após a publicação do último episódio.

Apesar de se tratar de uma produção que ia ao ar constantemente na programação da estação de rádio, seu formato difere das mesas redondas, mais comuns, e traz a presença de alguns elementos da linguagem sonora característicos das formas narrativas: é, antes, um documental sonoro. A principal característica de *Futebol à Manivela* como podcast narrativo é a história contada pelo locutor, seguida da inserção de trechos de arquivo, em especial narrações de gols históricos. Analisamos dois episódios em específico para apresentar o contexto cujos elementos são inseridos.

#### **Episódio: O Gol Mil de Pelé em Quatro Tempos**

Este episódio, como o próprio título sugere, tem o objetivo de relatar e relembrar um dos momentos mais marcantes da história do futebol mundial, o momento em que o “Rei Pelé” finca de vez seu nome na história do esporte marcando o seu gol de número 1.000. A abertura do episódio é baseada em uma minuciosa descrição do ambiente do estádio naquele dia, feita pelo locutor, Mauricio Barros: tal descrição contextualiza o ouvinte acerca do número de pessoas e jornalistas que se faziam presente no Maracanã e relata como aconteceram os gols naquele jogo.

Logo após o término da introdução realizada pelo apresentador, são inseridos elementos fatuais, de arquivo da transmissão realizada pelas rádios da época, mais precisamente trechos de quatro narrações distintas do Gol Mil de Pelé, realizadas por dois locutores que presenciaram o feito *in loco*: Waldir Amaral e Pedro Luiz, além de outras versões interpretadas por Osmar Santos e Luís Roberto. Entre as continuidades, representadas pela narração, o ritmo e a ilustração são alcançados com inserções de músicas interpretadas pelo próprio “Rei Pelé”, bem como vinhetas que, fazendo transição, colaboram para o efeito narrativo da linguagem sonora.

**Episódio: Programa destaca documentário 'Brasil de todas as Copas', relíquia do rádio esportivo.**

Este episódio, o último lançado pelos produtores do programa, se resume na reprodução do documentário mencionado no título do episódio, produzido pela Rádio Globo em 1982, acompanhada da locução do apresentador, Maurício Bastos. É muito interessante perceber que, em sua história, o rádio ofereceu espaços para produções roteirizadas como um documentário: alinha-se, nesse caso, o imaginário construído do esporte, sua industrialização como produto e os resultados desse processo: a expectativa para a Copa de 1982.

A produção se inicia com Bastos, acompanhado de um *background musical*, se despedindo dos ouvintes: segue-se, como pontuação, a vinheta do programa, marcada por sons sintetizados que remetem a uma volta no tempo. O locutor, então, introduz o documentário que traz toda o histórico de participação da seleção brasileira em Copas do Mundo, desde a primeira, em 1930, até as eliminatórias que levaram a nossa seleção até a copa da Espanha em 1982. Brasil de Todas as Copas foi produzido por Antônio Porto, com sonorização de Formiga e narração de Ed Mozarif.

A vinheta do programa original mescla as características geralmente usadas nas transmissões: como a anúncio do nome "Brasil" com ecos, seguido de apitos. A introdução, feita com voz empostada, é acompanhada de uma música marcante de disputas no esporte, além de uma sonorização com sons que remetem aos estádios – claramente expressiva, ao ativar a dimensão imaginativa do ouvinte. Os sons do estádio, ilustrativos, seguem durante todo o programa: assumindo, também, a função de pontuação entre os trechos de locução, que faz a continuidade dos fatos. O foco do documentário é retratar as campanhas Brasileiras entre as Copas do Mundo, com foco na conquista do tricampeonato. Ao relatar as Copas de 1958, 1962 e 1970, o locutor faz um resumo da campanha, entremeado com trechos fatuais: locuções radiofônicas que narraram os gols das partidas e, no caso da final, mais trechos que descrevem o cenário do certame; vinhetas de transição; marchinhas de torcida. As demais

edições da Copa do Mundo são relatadas em resumo, como se fosse um “boletim” ou “nota informativa”. Para sinalizar cada país, a música de fundo muda para um tema diferente, como *La Tarantella* para falar da Itália, *Aquarela do Brasil* para o Brasil etc. Resta anotar outro efeito expressivo: o corte em *fade* da música ao falar da “desgraça nacional” da seleção brasileira no Maracanã, frente à seleção uruguaia, na decisão da Copa. O documentário se encerra com trecho de entrevista de Pelé, relatando estar confiante para a Copa de 1982. Para complementar, então, o editor do *Futebol à Manivela* insere as narrações dos gols da Copa de 1982.

Na parte final de *Futebol à Manivela*, Maurício Bastos atende pedidos de ouvintes enviados por e-mail e mídias sociais: conta a história e relembra momentos históricos lembrados pelos participantes, tocando em seguida os trechos de narração realizada pelo *casting* da rádio Globo.

#### *Vida de atleta*

O *podcast* *Vida de Atleta* é o único, entre os quatro considerados “narrativos”, pertencente a um produtor independente. Por possuir apenas uma pessoa responsável pela roteirização, gravação e finalização da produção, não possui o mesmo trabalho técnico que produções de grandes grupos de comunicação, como inserções de elementos sonoros não-verbais em seus episódios. A produção possui uma temporada com 13 episódios lançados no ano de 2020, o apresentador Victor Gattoni compartilha, semanalmente em seus episódios pré-roteirizados, a mentalidade, os hábitos e os segredos que formaram grandes campeões do mundo do esporte. Foram observados em detalhes dois episódios: episódio 1, dedicado a relatar o histórico de um dos maiores medalhistas olímpicos de todos os tempos: Michael Phelps; episódio 8, que traz uma minibiografia do ícone do basquete mundial, Kobe Bryant, desde a infância, o início assustador na NBA até a criação da mentalidade *black mamba* em um momento de renascimento dentro da própria carreira.

No que se refere à construção dos episódios, *Vida de Atleta* não aproveita a capacidade expressiva da linguagem sonora: não faz uso de efeitos sonoros e conta apenas com uma trilha musical de abertura presente em todas as produções: em ritmo de rock'n'roll, funciona como uma “característica” sonora que antecede o texto lido por Gattoni. O roteiro, criado a partir de pesquisa, pode incluir leitura de entrevistas dadas em outros canais. Importante destacar que o locutor tenta manter um diálogo imaginário com o ouvinte, algo corriqueiro nas produções contemporâneas.

#### *Entretempo*

O *podcast* *Entretempo* é a terceira produção classificada como “narrativa” na pesquisa realizada para a construção deste estudo. A produção independente se caracteriza por recontar, em seus episódios, momentos marcantes do esporte, principalmente do futebol, com uma ambientação comumente encontrada em documentários e reportagens audiovisuais.

No primeiro episódio, chamado *Liverpool 3 X 3 Milan - O Milagre de Istambul*, disponível na plataforma Spotify, os sons descritivos e expressivos adicionados à edição nos colocam dentro do estádio: torcida, locuções de narradores da partida e trilha sonora dedicada. Assim, o ouvinte que não pode acompanhar a partida em tempo real consegue sentir através do *podcast* um pouco da alegria vivenciada pelo torcedor dos *reds* e a decepção profunda dos *rossoneri*.

De um modo geral, os episódios usam um som genérico de comemoração de uma torcida para marcar a abertura e uma trilha branca como BG. Segue o modelo de programa documental proposto por David Dunaway, com a locução agindo como continuidade, enquanto sons fatuais são intercalados para construção da narrativa.

Mesmo se tratando de um *podcast* independente, ou seja, não pertencente a um grande grupo midiático, a produção se destaca pela qualidade da edição e finalização do conteúdo. Vale registrar que, até 09 de janeiro de 2021, o *podcast* era chamado “Histórias de Futebol”. Como “*Entretempo*”, adotou o formato entrevista em alguns episódios em conjunto com o formato “narrativo”.

### *Futebol bandido*

O *podcast* “Futebol Bandido”, uma produção do UOL Esporte, braço esportivo do Grupo UOL, é dedicado a contar aos ouvintes casos de bastidores do mundo do futebol. Seguindo o formato do jornalismo investigativo – o mesmo que, como destacado anteriormente, está ausente do radiojornalismo esportivo há um bom tempo – o programa tem uma produção demorada, com grande coleta de material fatural que é inserido entre os episódios (como trechos de programas midiáticos, narrações de jogos, entrevistas).

A primeira temporada do *podcast*, conduzida por Juca Kfourri com a participação de Jamil Chade e Rodrigo Mattos, blogueiros do portal, abordou os desmandos e falcatruas da CBF. Seu formato mesclou os quatro elementos do documentário, indicados por Dunaway (2016), com a locução de Juca Kfourri e os comentários de Chade e Mattos. Nessa primeira temporada, apesar do foco narrativo (inclusive com ganchos entre os episódios), a “continuidade” foi dada numa emulação de dois formatos conhecidos do rádio: o noticiário e a mesa-redonda, com os blogueiros atuando como comentaristas.

Já a segunda foi dedicada ao “Caso Daniel”, forma pelo qual o brutal assassinato do jogador do São Paulo, Daniel Correa, ficou conhecido. Este *podcast* não é uma expansão do universo do jogo – é, antes, mais próximo das produções que relatam crimes reais. O incluímos nesta lista porque todo o caso Daniel, já espetacular pela violência, ganhou ainda mais proeminência por ter o futebol em seu entorno.

É inegável que “Futebol Bandido” (que, em 2022, mudou de nome e se chama UOL Esporte Histórias) é o *podcast* narrativo que apresenta a forma de construção mais complexa e um refinamento auditivo no que tange a pós-produção. O roteiro de cada episódio da segunda temporada se aprofunda

em uma das pessoas consideradas “chave” no caso. Por limitações de espaço neste artigo, selecionamos dois episódios para descrição mais aprofundada.

### **Temporada 2 Episódio 1:**

O episódio começa com as locuções dos jornalista Adriano Wilkson e Karla Torralba, que utilizam desse elemento para contextualizar e ambientar os ouvintes. É minucioso o detalhamento do local da festa de aniversário de Allana Brittes, filha do homem que admitiu ter assassinado o jogador Daniel. Por exemplo, esta transcrição: *“uma moça loira de salto alto e vestido rosa caminha de dentro da boate, ela anda em direção ao carro preto que sai do estacionamento”*. A locução é acompanhada de efeitos sonoros que simulam passos de uma pessoa, seguido pelo som de partida de um veículo. A continuidade narrativa dos sons, aliada ao poder descritivo dos jornalistas, ativa a imaginação dos ouvintes.

Logo após a locução de introdução, o episódio traz o trecho do depoimento de Allana Brittes no tribunal onze meses depois de sua festa de aniversário. Outros trechos de arquivo são inseridos no episódio: por se tratar de um podcast narrativo, conta ainda com a inserção do depoimento do delegado responsável pelo caso, além de trechos de reportagens e entrevistas de telejornais da época. Os elementos fatuais alimentam a impressão de verdade do documentário. Também traz uma vinheta de abertura específica para essa temporada inteiramente dedicada a esse caso. O episódio termina com uma fala da jornalista Karla Torralba, que convida e instiga os ouvintes a acompanharem a continuação da história no próximo episódio.

### **Temporada 2 Episódio 6:**

O último episódio da temporada começa com a locução de Torralba, que resgata e descreve, nos mínimos detalhes, os momentos que precederam o assassinato de Daniel. Um *background*

musical, inspirado em filmes de ação é inserido enquanto os locutores falam, aumentando a carga expressiva. Após a introdução notamos a presença de mais um elemento da linguagem sonora, a inserção de um trecho do interrogatório policial de Cristiana Brittes, esposa do homem que assassinou o jogador. Todo o último episódio da temporada carrega elementos que caracterizam uma reportagem, inserção de trechos de telejornais na época do crime, além de ser claramente roteirizado com o objetivo de contar uma narrativa a partir da colagem “pós-moderna” de fragmentos. Durante toda a temporada, o ouvinte visualiza mentalmente cada momento relatado nos episódios, devido ao tamanho de zelo na construção do roteiro.

## Considerações finais

Dentro do processo de convergência midiático em que estamos inseridos, é inegável que a mídia sonora precisou reinventar-se para atingir sua audiência, expandindo-se em canais alternativos ao tradicional *dial*. A partir da necessidade de se fazer presente no meio *internet*, os podcasts esportivos surgiram como uma alternativa para impactar os fãs de esporte através dos *streamings* de áudio, meio em ascensão constante no cotidiano da população. Nos últimos anos, podemos observar um *boom* no que diz respeito à quantidade de *podcasts* esportivos lançados no mercado, tanto por conta da entrada de produtores independentes, como mostra matéria de 2020 no El País (MAGRI, 2020), quanto pela atuação de grandes players, como a Globo Esporte (GloboEsporte.com, 2019), porém, a variedade de formatos ainda é pequena.

Após a escuta de 74 podcasts esportivos listados como “Top Podcasts Esportivos” nas plataformas Deezer e Spotify em março de 2021, apenas 4 produções, aqui destacadas, utilizavam o formato narrativo. O nível de dificuldade para a elaboração de uma produção neste formato, quando avaliamos a necessidade de aparatos de edição mais sofisticados e a contratação de pessoas capazes de roteirizar e editar os episódios, nos fez inferir qual é o principal fator responsável pelo elevado

número de produções com o formato *mesacast*, historicamente mais simples e mais barato: herança do rádio esportivo que, como vimos, caminhou para simplificação dos formatos de produção (SOARES, 2014; FERRAZ, 2016).

O fato de os ouvintes estarem habituados a consumir programas de debates esportivos enquanto executam outras tarefas – trabalham, durante as refeições, enquanto conversam com os amigos em bares e restaurantes, por exemplo – e de serem programas voltados para um público rotativo, são fatores que possivelmente podem colaborar para o elevado número de programas com esse formato, já que os narrativos também requerem um nível de atenção superior do ouvinte para acompanhar a história e o contexto apresentado. Isso, entretanto, exige mais investigações e segue como sugestão para trabalhos futuros.

Não obstante, os quatro programas apresentados neste artigo servem de exemplos de possibilidades. Com exceção ao *Vida de Atleta*, realizado de forma independente por uma única pessoa e, portanto, com bem menos recursos sonoros, os demais apelam à memória ou à imaginação do ouvinte por meio de construções que mesclam elementos da linguagem radiofônica. *Futebol à Manivela*, inclusive, oriundo da programação da extinta rádio Globo, nos lembra que tal diversidade de formatos e produção podem caber também no *dial*.

As perspectivas para o futuro dos podcast esportivos, com base na pesquisa realizada, consiste na provável manutenção do elevado número de produções com o formato *mesacast*, e esse deve comandar o cenário dos podcasts esportivos até que os grandes *players* de comunicação optem por quebrar o paradigma atual e comecem a investir em equipes focadas na produção de podcasts narrativos. Há muito espaço para esse tipo de produção no cenário esportivo, tendo em vista que atualmente a presença deste formato é escassa, e com certeza encontrará público engajado.



## Referências

BALSEBRE, A. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 2007, 5ª edição.

BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan-abr/2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iD02tP>. Acessado em: 31/08/2020.

CROOK, T. **Radio Drama: Theory and practice**. Londres: Nova York: Routledge, 1999, edição eletrônica.

DUNAWAY, D.K. **Entrevista com David King Dunaway: o documentário radiofônico**. *Novos Olhares*, vol. 6, n.1, p. 7-19, jan-jun/2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2017.131683>. Acesso em: 31/05/2021.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo, SP: Summus, 2014.

FERRAZ, N. **Reportagem no rádio: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem**. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – ECA-USP, São Paulo, 2016.

FERRAZ, N.; GAMBARO, D. (2020). Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta. **Novos Olhares**, vol. 9, n.1, p. 155-172, jan-jun/2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2020.166393>. Acesso em: 09/08/2021.

GAMBARO, D. **A instituição social do rádio: (Re)agregando as práticas discursivas da indústria no ecossistema midiático**. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – ECA-USP, São Paulo, 2019.

GLOBOESPORTE.COM. Podcasts do GloboEsporte.com: uma nova forma de consumir o melhor conteúdo esportivo. **Globo Esporte (GE)**, 05/abr/2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/programas/globo-esporte/noticia/podcasts-do-globoesportecom-uma-nova-forma-de-consumir-o-melhor-conteudo-esportivo.ghtml>. Acesso em 19/mar/2022

GUIMARÃES, C. G. S. **O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: Uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside Radio 2021**. São Paulo: Kantar Ibope Media, 2021. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-radio-2021/>. Acesso em 19/mar/2021.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MADUREIRA, P.; KISCHINHEVSKY, M.. Cartografando a narração esportiva radiofônica – Um panorama preliminar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. *Revista Rádio-Leituras*, v. 06, n. 02, pp. 195-218, jul-dez/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/85>. Consultado em 25/11/2021.

MAGRI, D. A febre dos podcasts sobre futebol preenche lacunas e atrai pesos pesados. **El País Brasil**, 11/jan/2020. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/deportes/1567791870\\_828276.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/deportes/1567791870_828276.html). Acesso em 19/mar/2022.

O SUCESSO dos podcasts. **Gente.Globo**, 06/abr/2021. Disponível em: <https://gente.globo.com/o-sucesso-dos-podcasts/>. Acesso em 19/mar/2021

ORLANDO, M. R. Jornalismo esportivo em podcast: discussões sobre um formato em ascensão. *In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, 18, 2020. **Anais [...]**, Brasília: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Disponível em: <https://bit.ly/364f6QE>.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994, 5ª Ed.



RANGEL, P.; MARCONI, E. **Cena Esportiva do Rádio Paulistano: Simulcast AM e FM, fusão de equipes e muito humor.** *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016. **Anais [...]**, São Paulo: Intercom. Disponível em: <https://bit.ly/3J04lrM>, acesso em 17/out/2021.

SILVA, J. L. O. A. **Rádio: oralidade mediatizada.** São Paulo, SP: Annablume, 1999.

SILVA, S. P.; SANTOS, R. S. O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/33u5tqS>. Acessado em 31/08/2020

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo.** São Paulo: Summus, 1994

SOUZA, J. C. A. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira.** São Paulo: Summus, 2004

SOUZA, J.; FORT, M. C.; BOLFE, J. S. Produção Audiofônica: uma análise de estilos frequentes na podosfera brasileira. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 78-111, jan./abr. 2020. Disponível em: [revistaseletronicas.pucrs.br](http://revistaseletronicas.pucrs.br) Acesso em: 07/07/2021.

STARKEY, G. **Radio in context.** Basinstoke: Nova York: Palgrave Macmillan, 2014, 2ª ed.

TOTA, A. P. **A locomotiva no ar: Rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934.** São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

VICENTE, E. Do rádio ao podcast: As novas práticas de produção e consumo de áudio. *In*: **Compós 2018**, 27, 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <https://bit.ly/30y7vVa>. Acesso em 07/11/2018.